

O IMAGINÁRIO DE MANUEL BANDEIRA

META

Analisar a obra de Manuel Bandeira quanto à temática e à forma modernista.

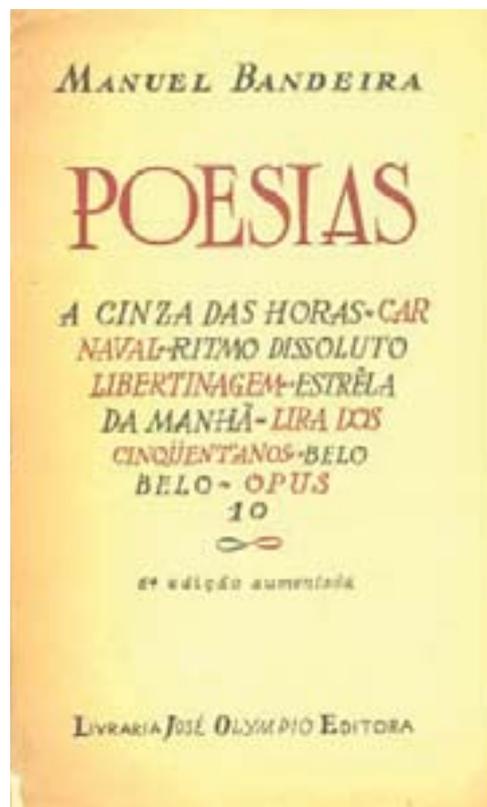
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as principais características da poesia de Manuel Bandeira;
comparar sua proposta estética com de outros modernistas;
selecionar as características estéticas que romperam com a literatura tradicional do início do Século XX no Brasil;
compreender os principais textos produzidos neste período a partir da inovação estética e da oposição ao texto tradicional.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer a proposta do Modernismo brasileiro.



Capa do livro *Poemas*.

(Fonte: http://www.sebodomessias.com.br/loja/imagens/produtos/produtos/6053_920.jpg).

A POÉTICA DA SIMPLICIDADE

Esta aula traz uma análise panorâmica da poesia de Manuel Bandeira, o poeta da simplicidade. Ele apresenta uma obra muito extensa que vai do primeiro momento do Modernismo às propostas nominais do Concretismo. Mesmo tendo participado de forma indireta da Semana de Arte Moderna, Bandeira apresenta diversas faces, e a riqueza de seu imaginário torna-se um diferencial. Dos primeiros modernistas, sua obra é a que mais foi aceita pela crítica. Poemas como *Os sapos* e *Poética*, que você leu nas duas primeiras aulas, nos dão uma dimensão do quanto ele foi envolvido com o debate em torno da proposta modernista. O olhar social de Bandeira merece um capítulo à parte. Infelizmente, não trataremos desse assunto aqui, mas fica a sugestão para o olhar social para o registro das crianças e prostitutas em sua lírica. Essa contextualização cultural de Bandeira proporciona uma nova dimensão desse poeta. Abaixo, você encontra um estudo de suas principais obras e principais características estéticas e sociais.



Manoel Bandeira

(Fonte: http://www.3.bp.blogspot.com/_4O-E5WatwrE/hfuxyuhg8/s1600/manoel+bandeira+2.jpg).

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho é natural de Recife (1886-1968). Estudou no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas, por motivos de saúde, abandonou o curso de Engenharia. Sua poesia faz parte, cronologicamente, da primeira fase do Modernismo, mas sua amplitude estética e a forma como incorpora seu testemunho ao texto literário trazem uma originalidade mod-

ernista que não encontramos em outros autores estudados. Bandeira é um poeta à frente dessa escola e produz uma lírica que resgata a tradição de língua portuguesa. Sua variedade estética vai do “Parnasianismo crepuscular”, passando pela melhor forma do verso livre e do lirismo do cotidiano popular até “experiências concretistas, do soneto às formas mais audazes de expressão” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 39). Por todas essas qualidades, ele é considerado um dos escritores mais valiosos da primeira fase do Modernismo. Sua maior contribuição está na valorização da simplicidade do cotidiano para o imaginário da lírica brasileira. Vamos analisar o texto abaixo, para ver como o poeta explora essa simplicidade como uma marca de seu Modernismo.

O rondó dos cavalinhos

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Tua beleza, Esmeralda,
Acabou me enlouquecendo

Os cavalinhos correndo...
O sol tão claro lá fora,
E em minha'alma – anoitecendo!

Os cavalinhos correndo,
E nós cavalões, comendo...
Alfonso Reyes partindo,
E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
A Itália falando grosso,
A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minha'alma – anoitecendo!

(BANDEIRA, in CANDIDO, 1989, p. 68-9).

Nesses versos, temos a incorporação do cotidiano, pois, a partir de uma cena aparentemente simples em uma tarde de Jôquei Clube do Rio de Janeiro, o eu lírico nos coloca diante de muitos conflitos pessoais e coletivos. Apesar do tom de intimidade com a Esmeralda, o eu lírico registra a subida

do Fascismo ao poder e o caos de uma Europa antes da Segunda Guerra: “A Itália falando grosso/A Europa se avacalhando”. Em contraposição ao lirismo dos cavalinhos, que fazem referência aos cavalos de corrida, temos os cavalões, os homens, que estão envergonhando a humanidade. Esse contraste entre a simplicidade e o caos da vida social é que é espantoso em Bandeira. Para Antonio Candido, tanto na forma como no conteúdo “o poema se rege por essa contradição”, todavia, o mais importante é sua ironia, “que é ampla e misturada abrangendo uma nota de patético e de melancolia” (CANDIDO, 1989, p. 77). Esse sentido irônico está no jogo de aproximar o cavalo do homem por meio de diminutivos e aumentativos que nos confundem, uma vez que há uma inversão de forças. A beleza da corrida de cavalos em contrasta com o caos individual e coletivo daquele momento de guerra. Essa ironia também é explorada pela linguagem popular como “falando grosso” e “cavalão”.

UM PANORAMA DO LIRISMO DE BANDEIRA

Como já dito antes, a poesia de Manuel Bandeira vai além do Modernismo. Ela tanto o antecede como chega às experimentações com a poesia concreta nos anos cinquenta e sessenta. Didaticamente, vamos dividir suas obras em três momentos: a fase das rupturas e questionamentos, como já lido nos poemas *Os sapos* (primeira aula) e *Poética* (segunda aula), respectivamente de *A Cinza das Horas* (1917) e *Ritmo Dissoluto* (1924). Esse primeiro momento é de questionamento e de ruptura, ainda há a busca de um ritmo certo. No segundo momento, temos a plenitude modernista de Bandeira em *Libertinagem* (1930) e *Estrela da Manhã* (1936). O texto *Rondó dos cavalinhos* pertence a essa fase, em que o poeta, já amadurecido, nos constrói uma realidade do coletivo sem deixar o pessoal de lado. No último momento de sua lírica, temos o fortalecimento da memória e do lirismo da simplicidade em *Lira dos Cinquent’anos* (1940) e *Belo Belo* (1948). Podemos dizer que à medida que Bandeira envelhece, sua poesia fica mais alegre e mais humilde. Sua sábia apropriação da oralidade dá um tom de aparente simplicidade ao seu texto, todavia, trata-se de um sofisticado método de elaboração lírica. A riqueza estética e temática de sua obra aponta diversas formas de leituras. A crítica tem insistido nas abordagens biográficas, em que a perda da família, sua doença e suas privações amorosas são os principais elementos temáticos. No entanto, o universo infantil e seus contrastes sociais anunciam uma poética bem mais ampla cujas crianças e prostitutas também nos remetem à sociedade de classes e de preconceitos. Claro que tudo tratado de forma séria, mas com a simplicidade de Bandeira.

Assim, em lugar de nos orientarmos pelas temáticas bandeirianas, faremos um pequeno passeio por sua produção lírica, cujo conjunto está publicado em *Estrela da vida inteira*, que inclui todos os seus livros e foi lançada

em 1966, em comemoração aos 80 anos do poeta. Também é importante lembrar que, além de poeta, Bandeira escreveu em prosa (crônicas e textos de crítica literária), sempre demonstrando interesse pelos acontecimentos cotidianos e pela cultura. Em seu livro de estréia *A cinza das horas* (1917), há influências do Romantismo alemão, do Simbolismo francês e da tradição lírica portuguesa.

Vivendo no Rio de Janeiro, Manuel Bandeira já exercia a função de professor na Faculdade Nacional de Filosofia, e essa atuação profissional parecia aguçar a preocupação do poeta com a consciência sobre o fazer poética. Em *Cinza das horas*, já se encontram algumas transgressões ao verso alexandrino e algumas formas de pastiche que dialogam com a poesia galego-portuguesa. Um dos poemas mais conhecidos deste livro é *Desencanto*, que reflete bem o contexto pessoal que havia levado Bandeira a direcionar parte de sua poesia à temática da morte:

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.
...
- Eu faço versos como quem morre.

(BANDEIRA, 1966)

De outro lado, já há índices do poeta capaz de extrair da superfície artificial e super dimensionada das coisas o sentido simples, o lirismo “ao rés do chão”, tomando de empréstimo o termo com que Antônio Cândido batizou a crônica. Em *Satélite*, publicado em *Carnaval*, de 1919, ele apresenta transgressões às formas clássicas, com clara tendência à busca do verso livre (de que é exemplo o poema *Sonho de uma terça-feira gorda*), e um espírito cômico mais acentuado. Segundo Péricles Ramos (2001), Bandeira, em *Carnaval*, já demonstra a tendência a abandonar a linha “sério-estética” para seguir outra, a “coloquial-irônica”, como é exemplo o poema *Os sapos*.

Em *O ritmo dissoluto*, de 1924, o verso livre já é predominante. Nota-se, no conjunto dos poemas, uma preocupação com o social, filtrado a partir de cenas do dia-a-dia de personagens como os meninos carvoeiros ou de descrições de ambientes como a mata, a estrada, o céu estrelado, a rua do Sabão. De outro lado, poemas como *Madrigal melancólico* demonstram o uso que Bandeira faz da referência poética, para dar relevo intertextual novo a temas antigos. Vejamos, no poema abaixo, a linguagem prosaica que marca seu modernismo.

Meninos carvoeiros
Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
— Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.

(BANBEIRA, 1966)

A obra mais famosa desse grande poeta é *Libertinagem*, de 1930 pelos seus clássicos poemas modernistas *Vou-me embora pra Pasárgada*, *Pneumotórax* e *Poema tirado de uma notícia de jornal*. No conjunto, essa obra reflete um poeta já completamente sintonizado com a lírica modernista. O verso livre, a poética da libertação, o poema-piada, o humor cortante, às vezes negro, a presença de problemáticas relacionadas às camadas sociais menos privilegiadas, as origens pernambucanas e familiares, além das temáticas mais antigas da morte, da solidão e da dor, compõem uma obra rica e abrangente.

A ideia de “libertação” permanecerá em toda a sua obra, ainda que, em seus últimos poemas, o uso do soneto ressurgiu, talvez como prova de que a libertação também permite o retorno formal quando esse se faz natural. O poema *Vou-me embora pra Pasárgada* constitui uma das mais importantes e referenciadas obras de Bandeira. A ideia de um lugar utópico, em que a realização humana é possível e completa, seduzirá gerações e gerações de escritores e escritoras, chegando a atravessar mares, criando mitos, como ocorreu com Cabo Verde, onde, como lembra Simone Caputo Gomes (2008) em Cabo Verde, chão de literatura e cultura, a “Pasárgada” tornou-se signo mítico-simbólico retomado pela geração dos “claridosos”, que incluiu nomes como Jorge Barbosa e Baltasar Lopes. Se Bandeira encontrava na Pasárgada uma forma de exílio salvador que o livrava de problemas pessoais e de saúde, a Nova Pasárgada dos caboverdianos permitia o encontro com um lugar onde os problemas sociais e econômicos não existiam.

Outro poema importante é *Evocação do Recife* que mostra os laços de Bandeira com sua terra. Tendo vivido a maior parte de sua vida em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, Bandeira não deixou de, com esse poema, prestar homenagem às memórias de uma infância tipicamente nordestina, carregada de referentes regionais e pessoais, como mostra o trecho a seguir:

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
 Não o Recife dos Mascates
 Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
 - Recife das revoluções libertárias
 Mas o Recife sem história nem literatura
 Recife sem mais nada
 Recife da minha infância

(BANDEIRA, 1966)

Estrela da manhã, de 1936, mantém a tônica de *Libertinagem*, mas acrescenta algumas temáticas folclóricas e teses sociais. *Estrela da manhã*, discutindo a temática da prostituição, *Momento num café*, revelando uma visão materialista da vida, *Chanson des petits esclaves* e *Jacqueline*, problematizando a infância, a morte, a pureza e a exploração do humano pelo humano, são registros marcantes dessa obra. De outro lado, no aspecto formal, *O desmemoriado de Vigário Geral*, *Tragédia brasileira* e *Conto cruel* inserem prosa poética na obra, enquanto *Poema do Beco*, *O amor, a poesia, as viagens* e *Nietzschiana* valorizam a poesia prosaica, brevíssima. Igualmente famoso é *Balada das três mulheres do sabonete Araxá*, que evidencia o cada vez mais consistente recorte de Bandeira ao detalhe que possibilita o lirismo. Partindo de uma propaganda de sabonete, Bandeira cria uma imagem lírica que estende o menor ao maior, revelando as possibilidades criativas da poesia. Vejamos um trecho:

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam,
 me hipnotizam,

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!
 O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!
 Que outros, não eu, a pedra cortem
 Para brutais vos adorarem,
 Ó brancaranas azedas,
 Mulatas cor de lua vem saindo cor de prata
 Ou celestes africanas:
 Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!
 São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?
 São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?
 São as três Marias?

(BANDEIRA, 1966)

Outro poema que consagra a capacidade bandeiriana de explorar a linguagem é *Trem de ferro*, em que o verso *Café com pão*, repetido, além da repetição de versos (foge, passa vou) e expressões (muita força, pouca gente), consegue expressar toda a sonoridade do trem deslizando pelos trilhos e levando consigo a expressividade regional e o coloquialismo.

Lira dos cinquent'anos, publicada em 1940 na obra *Poesias completas*, e aumentado na edição de 1944, reúne poemas que denunciam uma reflexão mais madura sobre a vida, a morte, a criação. Traz, em alguns momentos, uma visão pessimista, como ocorre em *Ouro Preto* e *Soneto italiano*. Outros poemas são mais descritivos, como *Maçã* e *Água forte*. O poema *A morte absoluta* retoma o tema da morte, agora em uma concepção mais filosófica. Mas é o poema *Belo belo* que sintetiza essa fase da poesia de Bandeira, ao mostrar um homem em pleno questionamento do vivido e do porvir, em que fica sacramentado o gosto pelo simples:

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Tenho o fogo de constelações extintas há milênios.
E o risco brevíssimo - que foi? passou - de tantas estrelas cadentes.

A aurora apaga-se,
E eu guardo as mais puras lágrimas da aurora.

O dia vem, e dia adentro
Continuo a possuir o segredo grande da noite.

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Não quero o êxtase nem os tormentos.
Não quero o que a terra só dá com trabalho.

As dádivas dos anjos são inaproveitáveis:
Os anjos não compreendem os homens.

Não quero amar,
Não quero ser amado.
Não quero combater,
Não quero ser soldado.

- Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.

(BANDEIRA, 1966)

Belo, belo, por sinal, veio a ser o título do livro de 1948, em que a morte de Mário de Andrade ganha forma de poesia em *Mário de Andrade ausente*, e a morte volta a ser problematizada em *O homem e a morte*. O poema “Belo belo”, referenciando o anterior, de mesmo título, permite interessante contraposição de elementos estéticos e concepção de mundo:

Belo belo minha bela
Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse
Nem obrigação de voto
Quero quero
Quero a solidão dos píncaros
A água da fonte escondida
A rosa que floresceu
Sobre a escarpa inacessível
A luz da primeira estrela
Piscando no lusco-fusco
Quero quero
Quero dar a volta ao mundo
Só num navio de vela
Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdá e Cusco
Quero quero
Quero o moreno de Estela
Quero a brancura de Elisa
Quero a saliva de Bela
Quero as sardas de Adalgisa
Quero quero tanta coisa
Belo belo
Mas basta de lero-lero
Vida nove fora zero.
(BANDEIRA, 1966)

Entre outros clássicos dessa obra, destacamos *O bicho*. Nele, Bandeira faz um retrato contundente da miséria humana sintetizado no verso: “O bicho, meu Deus, era um homem.”; e *Nova poética*, que, por sua vez, tenta fixar a imagem do “poeta sórdido”, o que, segundo Péricles Eugênio Ramos (2001), foi uma tentativa inútil, já que a sordidez era uma característica que a sensibilidade da poesia de Bandeira não permitia ser real. Assim, pode-se dizer que Bandeira não chegou a alcançar essa suposta “Nova poética” que parecia propor em versos como: “Poeta sórdido: / Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.”

Opus 10 é de 1952 apresenta alguns poemas em que figuras de animais como o boi, a cotovia e o grilo são tomadas, criando diálogos e abrindo espaço para reflexões sobre a infância, a morte, o sentido da vida. Além disso, muitos poemas se referem, como o próprio título do livro, a episódios ou referentes de natureza religiosa, como *Natal sem sinos*, *Cântico dos cânticos*, *Oração para aviadores* e *Alegrias de Nossa Senhora*. É, todavia, *Consoada*, o poema mais famoso desse livro. Nele, a força inexorável da morte aparece aliada a uma aceitação natural de sua chegada.

Mafuá do malungo, de 1954, que é uma curiosa obra de Bandeira. Circunstancial, encomiástica, reúne diversos poemas com os quais homenageia amigos, amigas e artistas em geral. Nele encontramos poemas dedicados a nomes como: Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Keats, Isadora Duncan, Thiago de Mello, Mário de Andrade, entre outros. Ainda que seu caráter seja circunstancial, através dela podemos criar todo um panorama das relações entre artistas e personalidades importantes que marcaram a cultura brasileira no Modernismo.

Estrela da tarde, de 1963, segue a linha dos livros anteriores, mas apresenta o interesse momentâneo do poeta pela poesia concreta. Muito famoso, neste livro, é o poema *Satélite*, cujo diálogo com Raimundo Correia revela uma interessante contraposição entre dois momentos estéticos. De outro lado, *Antologia* é um poema de diálogo maior com sua própria obra anterior:

A vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.
Os corpos se entendem mas as almas não.
A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Vou-me embora pra Pasárgada!
Aqui não sou feliz.
Quero esquecer tudo:
- A dor de ser homem...
Este anseio infinito e vão
De possuir o que me possui.

Quero descansar
Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei...
Na vida inteira que podia ter sido e que não foi.

(BANDEIRA, 1966)

Esse constante exercício de se auto-referenciar permite a leitores e leitoras descobrirem os pontos em que a lírica bandeiriana repetiu ou reformulou visões estéticas e de mundo. Em 1954, Bandeira desejou, em voz própria, apresentar uma visão de sua poesia. Assim, *Itinerário de Pasárgada*

é a obra em que Bandeira dialoga consigo mesmo, apresentando tanto o contexto pessoal que influenciou sua concepção de poesia quanto as influências literárias que recebeu.

CONCLUSÃO

Por essa visão panorâmica, você pode perceber o quanto Manuel Bandeira é significativo para a história do Modernismo. Ele congrega quase todas as propostas líricas do século XX no Brasil. Sua experiência com a forma poética dá ao tom prosaico uma marca do lirismo moderno. Assim, com a publicação de sua obra completa *Estrela da vida inteira* (1966), temos a união de livros que marcaram a evolução das rupturas para o poeta comedido em sua grandeza.

Nessa obra reunida, além dos livros citados, temos outras produções de Bandeira, como *Dois canções do tempo do beco*, *Louvações* (também reunindo homenagens a pessoas e a lugares, como Recife e Rio de Janeiro), *Composições*, *Ponteios* (com poemas concretos), *Preparação para a morte*, *Lira do brigadeiro*, *Outros poemas* e *Poemas traduzidos*. Outra publicação, *Alumbramentos*, de 1960, apresenta uma seleção de poemas de amor. O erotismo de imagens ao mesmo tempo ousadas e delicadas já estaria presente no poema de título *Alumbramento*, escrito em 1913 e publicado em *Carnaval*. O termo “alumbramento”, designando experiências que tocam o maravilhoso, o encantamento, a libertação e a descoberta de coisas singulares, acabou também marcando a poética de Bandeira e se tornou um substantivo bastante utilizado nas análises de suas obras. A mulher, o amor e o erotismo, na obra de Bandeira, passam, pois, por esse relevo maravilhoso, rompido, vez por outra, pelo olhar gracioso, mas direto, à beleza feminina.

Como visto nesta aula, a obra de Bandeira tem um “timbre inconfundível, corre a nota da ternura ardente e da paixão pela vida, que vem desde os versos da mocidade até os de hoje, como força humanizadora” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 39). Logicamente, muito mais teríamos a dizer sobre a obra de Bandeira e sua importância para nossa literatura. Contudo, somente a leitura e a releitura de suas obras permitirão que você forme a necessária bagagem para compreender a dimensão enorme dessa presença em nossa poesia.



RESUMO

Esta aula traz uma visão panorâmica das principais características da obra de Manuel Bandeira. De seus primeiros textos, herdeiros do Parnasianismo, aos textos mais pessoais, temos uma lírica marcada pela simplicidade, pelo verso livre, pela prosódia e pelo abuso de imagens do cotidiano. Da primeira fase do moderno, estudamos as transgressões às formas clássicas, com clara tendência à busca do verso livre com um tom cômico mais acentuado. Nesta aula, também valorizamos sua preocupação com o social, filtrado a partir de cenas do dia-a-dia de personagens como os meninos e prostitutas. Suas referências à vida pessoal, como a doença de que foi vítima, estão presentes em poemas como *Pneumotórax*. No conjunto de sua obra destacamos as seguintes características: o verso livre, a poética da libertação, o poema-piada, o humor cortante, às vezes negro, a presença de problemáticas relacionadas às camadas sociais menos privilegiadas, as origens pernambucanas e familiares, além das temáticas mais antigas da morte, da solidão e da dor, compõem uma obra rica e abrangente.



ATIVIDADES

- 1) Leia novamente *O rondo dos cavalinhos* faça uma comparação com o poema *Poética* (da segunda aula) e justificando o que esse texto tem em comum com modernismo da primeira fase e, ao mesmo tempo, já mostra seu amadurecimento estético.
- 2) Construa um quadro com as principais características da poesia de Manuel Bandeira separando duas características específicas de cada obra.
- 3) Faça um estudo sobre do poema *Teresa* explorando sua intertextualidade com *O adeus de Teresa*, de Castro Alves. Em *Teresa*, a figura da prostituta, uma imagem sempre presente na poética de Bandeira, se destaca,. Assim, mostre os pontos diferentes desses dois poemas e os específicos da lírica de Bandeira.

O adeus de Teresa (Castro Alves)

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.

Teresa (Manuel Bandeira)

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

(BANDEIRA, 1966)

4) Compare os dois poemas *Belo belo*, de Manuel Bandeira, destacando semelhanças e diferenças, e dando destaque às características do autor.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

As atividades propostas podem ser melhor direcionadas após a releitura desta aula. Na primeira questão, as inovações e diálogo com os modernistas estão no tom irônico e cômico dos versos de Bandeira que exploram a linguagem popular. O quadro sobre as principais características vão do verso livre ao humor. A representação da infância, da doença, das prostitutas e da metalinguagem com a própria poesia são seus principais temas. Na resolução das questões três e quatro você pode explorar mais nosso material e consultar seu tutor presencial ou à distância por e-mail.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você deve ser capaz de ter uma visão panorâmica dos principais autores do Modernismo. Depois, avalie até que ponto você conseguiu assimilar a importância de Manuel Bandeira para o Modernismo e o quanto ele se destaca dos outros modernistas.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Noções de histórias da literatura**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15^a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1989.
- CAMPOS, Haroldo de. Bandeira, o desconstelizador. In: Suplemento literário de O Estado de São Paulo. 16/04/1966.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde. **Literatura em chão de cultura**. Cotia: Ateliê Editorial; Praia: IBNL, 2008.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Manuel Bandeira. In: COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18^a. Edição. Petrópolis, 2009.